

Entrevista de Rodrigo Bueno para Santiago Garcia, para 28ª Bienal SP

Porque vincular pessoas que produzem e transitam outros circuitos – como o do Hip Hop, a cultura espiritual afro-indígena- com o espaço da Bienal?

A bienal se propõe ao vivo contato, o que remete a relações criativas com o mundo como ele é. Hip Hop é o nome recente para o conjunto integrado de manifestações de cultura de rua antes de ser reduzido pela indústria da comunicação. Representa o constante movimento inerente a qualquer sociedade urbana, que ao se renovar, se nutre de sua ancestralidade na confluência dos elementos de música, poesia, dança e as artes visuais. Tudo baseado na afirmação do tempo presente. É uma grande fonte de códigos mestiços e novas linguagens sociais. A herança afro-indígena forma o alicerce oculto da cultura brasileira além de suas premissas políticas. Somos um conglomerado de nações mestiças esparsas pelo continente, constantemente trabalhando para sustentar os desperdícios de um sistema econômico ainda pouco associado à cultura de costumes. O trabalho reelabora a reciclagem de resíduos materiais e intangíveis, convertidos em ferramentas de encontro, focado na celebração da criatividade. A valorização da natureza e a sensibilização do espaço urbano, são correntes de resistência, de reencontro do homem com sua própria origem.

Como você entende a idéia de origem?

A origem é o ponto neutro, o potencial pleno de possibilidades de desdobramentos em tempo presente. O passado está ativo enquanto somos resultado histórico inacabado, em movimento. Negar o que já passou, dissimular o fundamento de onde pisamos, é interromper o fluxo de nossa própria criação, é nos colocar de fora da autonomia de escolha do nosso destino. Portanto, origem é vista como força motora, transbordamento e fertilização de território. Além de estereótipos raciais, a busca da origem sugere a troca, a vivência com a identidade de nossos sentidos mais íntimos e generosos, em relação ao outro e ao entorno.

Que entende você pela “mata anterior” e a “memória interior”? Que lugar ocupam a natureza e o corpo na vida de uma urbe como São Paulo?

A “mata anterior” é a força verde que rompe o asfalto, fonte de inspiração que ameaça o concreto do monumento efêmero. É a vitalidade do solo que come de volta a cidade que o engoliu. A “memória interior” é o olhar, o sentimento intuitivo que descreve a identidade do que compõe o ambiente cotidiano. Cada resíduo que é desperdiçado nas caçambas da cidade contém uma memória interior, reflexo de nós mesmos, espelho de nossa relação com o planeta e os valores que sustentam a contemporaneidade.

Qual diria você que é sua genealogia artística?

Os registros dos artistas viajantes são grande fonte de reflexão que ressoam ainda hoje em minha busca por um ambiente vivo. Como em uma sala de espelhos, insisto em desarmar o que o olhar colonizado chama de exótico, ao construir pontes de pertencimento através da experiência comum.

Minha formação vem mais da prática artística fora do circuito das artes, interessado na vida em diferentes frentes periféricas, na conjunção de elementos criativos na criatividade essencial para sobrevivência. Me instiga muito o movimento da renovação do papel da arte, meio ambiente e arquitetura na linha de pesquisa de Hundertwasser e Lina Bo Bardi. Começo a conhecer o legado dos artistas dos anos sessenta e setenta, com especial afinidade a Oiticica e Clark. Tais referências já anunciavam ao momento contemporâneo. Porém hoje nos alimentamos de outro tipo de tempo e acessibilidade a informação, onde o inconformismo com o consumismo cotidiano, do autoritarismo da especulação imobiliária, nos motiva seriamente expor as tramas da experiência coletiva, intimamente ligadas a crise ambiental e sua relação com a força transformadora das qualidades artísticas.